



ARRIBA

Nº. 2

Associação de Moradores dos Capuchos Setembro 2019

UM PROJECTO DE ASSOCIATIVISMO DE BASE PARA OS MORADORES DOS CAPUCHOS

José Carlos Rodrigues Nunes

Na origem da constituição da AMC - Associação de Moradores dos Capuchos, estão objectivos relacionados com os moradores e com o espaço público que habitamos. Para o cumprimento de tais objectivos, as intervenções da Direcção da AMC permanecem muito focadas nos seguintes domínios:

1 - Organização e asseio do espaço público que faz parte da área geográfica de intervenção da Associação.

2 - Contactos com as entidades responsáveis pelas intervenções que visem a definição e a implementação de soluções para a realização do referido no ponto anterior.

3 - Iniciativas de cariz cultural, formativas, recreativas/desportivas e outras.

4 - Aproximação a outras associações, não apenas para divulgação recíproca de actividades mas também para a realização de acções conjuntas.

Para o prosseguimento do referido no **ponto 1** a Direcção dá especial importância aos contactos directos com os moradores. E pretende aproveitar essa oportunidade para os sensibilizar para aderirem ao projecto tornando-se sócios ou, pelo menos, se envolverem nas actividades da sua associação.

O referido no **ponto 2** envolve os contactos com várias entidades e a diferentes níveis, sobretudo com a Câmara e a Junta de Freguesia.

E com estas entidades, temos mantido frequentes contactos e já fizemos várias reuniões.

E as reuniões têm decorrido, sempre, num bom clima de diálogo e compreensão para os problemas que apresentámos. E em relação a alguns deles até nos confirmaram decisões já tomadas ou a tomar. Porém, e contrariamente às expectativas criadas, ainda muito pouco se concretizou.

Não obstante o referido, não vamos esmorecer e continuaremos a fazer contactos, para prosseguir

com a apresentação dos nossos problemas e para pugnar pela atempada concretização das correspondentes soluções.

Evidenciamos algumas das situações existentes, com soluções aprovadas em Assembleias Gerais da associação e já há muito apresentadas à Câmara, quer através de cartas, quer através de reuniões entretanto efectuadas:

Acessos, limpeza e reparação dos muros do Miradoiro panorâmico dos Capuchos; Repavimentação e passeios das ruas Lourenço Pires de Távora e Capuchos; enterramento dos fios de electricidade e comunicações; melhoria do pavimento e passeios da EN-10-1; maior assiduidade na limpeza das ruas e bermas; maior assiduidade na recolha do lixo no ecoponto no início da estrada do Robalo.

Quanto ao referido no **ponto 3**, a actual inexistência de instalações tem constituído um factor limitativo. Esta situação poderá ser ultrapassada se for possível concretizar a proposta que apresentámos à Câmara relacionada com a reabilitação das instalações e espaço da antiga escola primária dos Capuchos. E no âmbito específico das nossas intervenções em actividades de índole cultural, pretendemos aproveitar a excelente proximidade com o património cultural que é o histórico Convento dos Capuchos, para o estabelecimento de uma adequada relação de parceria.

Por último e em **relação ao ponto 4**, a Direcção irá desenvolver contactos visando o estabelecimento de relações de cooperação com outras associações.

SUMÁRIO

A Palavra aos Vizinhos	Pag.2/3
Memória Coletiva – Lourenço Pires de Távora	Pag.4/5
Coreto	Pag.6/7
Frei Fortunato e Frei Simplício	Pag. 8

A Palavra aos Vizinhos

Rita Fernandes

A Associação de Moradores dos Capuchos foi contactada pelo Professor Alexandre Flores - historiador e investigador local - no sentido de obter algumas informações sobre uma casa nos Capuchos onde, nos anos 60, o escritor e poeta David Mourão Ferreira e sua família, passavam férias e fins-de-semana. Com as informações de pessoas que aqui vivem (algumas até privaram com o escritor), o Professor Alexandre Flores elaborou uma interessante crónica que aconselho, vivamente, a lerem.

DAVID MOURÃO-FERREIRA

E A CASA DE FÉRIAS NOS CAPUCHOS

Corria um serão numa noite de verão, dos princípios da década de 1990, quando o nosso amigo escritor José Correia Tavares (1938-2018), em representação da Associação Portuguesa dos Escritores, --após a cerimónia anual da apresentação do vencedor do prémio literário «Cidade de Almada», na qual um dos membros do júri tinha feito alusão à poesia do escritor David Mourão-Ferreira (ver a 1.ª imagem), na antiga Oficina da Cultura da Câmara Municipal, -- contava-nos que este consagrado poeta, quase sempre com o seu peculiar cachimbo, apreciava passar os fins-de-semana, incluindo as férias grandes, no lugar dos Capuchos (Caparica), não só para escrever, como também para contemplar e ouvir, com discrição, os veraneantes que frequentavam a época balnear da Costa de Caparica.



Descemos a Rua Conde Ferreira, a Travessa dos Sinos e a Rua Visconde Almeida Garrett. Na Rua Capitão Leitão, fomos até ao Café Kurika (Almada) que, em jeito de tertúlia, com os escritores Correia Tavares, Miguel Bernardes, Romeu Correia e o médico José Malheiro, continuou-se a falar da poesia de David Mourão-Ferreira (1927-1996), que se caracterizava pela presença da figura da mulher e do amor, e pela procura deste como forma de conhecimento, sendo reconhecido como um dos principais poetas do erotismo na Literatura Portuguesa. Romeu Correia, entretanto, subscrevia o comentário do seu colega Correia Tavares, a propósito da passagem do David Mourão-Ferreira (formado em Filologia Românica da Faculdade de Letras de Lisboa) pelos Capuchos e pela Costa de Caparica, ambos lugares com muita história.

Passados quase trinta anos, (eu e o Miguel Bernardes ainda continuamos vivos...), voltamos a lembrar aquela tertúlia. Assim, procuramos recolher, há pouco tempo, alguma informação que nos pudesse localizar, a título de curiosidade, a dita casa dos Capuchos (ver a 2.ª e 3.ª imagens), frequentada pelo prestigiado poeta, romancista, crítico e ensaísta (1).

Para tal, contactamos alguns moradores mais antigos daquele lugar(2).



Será que nesta casa escreveu páginas manuscritas ou apontamentos para as obras de poesia, como: «Tempestade de Verão» (1954), «Os Quatro Cantos do Tempo» (1958), «Maria Lisboa» (1961), «In Meae» (1962), «A Arte de Amar» (1962)? Será que escreveu as novelas de «Gaivotas em Terra» (1959), ou ainda o ensaio sobre «Aspectos da Obra de M. Teixeira Gomes» (1961)? Talvez sim, talvez não; talvez uns sim e os outros não.

Para memória futura, é de referir que, nos meados das décadas de 1950 e 1960, David Mourão-Ferreira passou, de facto, fins-de-semana, incluindo férias de Verão, com a sua mulher e colega da Faculdade de Letras de Lisboa, Maria Eulália Barbosa de Carvalho, (também formada em Filologia Românica), uma irmã desta, e os dois filhos David João e Adelaide Constança, ainda jovens, na casa de apoio, (ver a 2.ª imagem; actualmente desabitada e degradada), da pitoresca «Quinta do Sol Posto», também conhecida por Quinta de Valentim de Carvalho, nos Capuchos, sita na Estrada Nacional 10-1. Tratava-se de uma propriedade da sua mulher, Maria Eulália Barbosa de Carvalho, irmã de Rui Valentim de Carvalho, pioneiro da indústria discográfica em Portugal. Em 1966, acontece o segundo casamento de David Mourão-Ferreira com Maria do Pilar de Jesus Barata, prosseguindo a publicação de novas obras literárias até 1996, ano da sua morte.

Para terminar esta crónica sobre a passagem do escritor pelos Capuchos, na bucólica quinta, com a curiosa e pitoresca designação de «Quinta do “Sol Posto”», transcrevemos o poema «Outono» de David Mourão-Ferreira:

OUTONO

«Mas quem diria ser Outono
se tu e eu estávamos lá?
(Tínhamos sono... Tanto sono!
É bom dormir ao deus-dará...)
E sobre o banco do jardim,
ante a cidade, o cais e o Tejo,
seria bom dormir assim,
ao deus- dará, como eu desejo...
Mas o teu seio é que não quis:
tremeu de mais sob o meu rosto...
Agora, nu, será feliz,
sob o afago do sol-posto...
Seria Outono aquele dia,
nesse jardim, doce e tranquilo...?
Seria Outono aquele dia,
nesse jardim, doce e tranquilo...?
Seria Outono...
Mas havia
todo o teu corpo a desmenti-lo»

(David Mourão-Ferreira, «Obra Poética», Editorial Presença, 1996

Estudo e recolha de Alexandre Flores

- (1) David Mourão-Ferreira foi um escritor com um importante percurso biográfico que, de modo nenhum, cabe neste post. Como é do conhecimento geral, a sua vasta obra literária reparte-se pela poesia, crítica literária, ensaio, tradução, teatro, romance e também jornalismo. Assim era DMF, professor universitário da FLL que, tanto na vida como na escrita, celebrou o amor, o erotismo e o corpo em palavras, como ele afirmava, tinha «o ofício de escrever», precisava de viver para escrever e de escrever para viver. Também é de realçar a sua passagem pelos cargos que ocupou na imprensa periódica, na universidade, na Fundação Calouste Gulbenkian, na política (como Secretário de Estado da Cultura), nos programas da Televisão. Por intermédio do seu grande amigo e cunhado Rui Valentim de Carvalho, conheceu Amália Rodrigues.
- (2) Agradecemos publicamente as informações e reprodução de fotos cedidas pelos munícipes: Ana Artilheiro (da Associação dos Moradores dos Capuchos), João Carlos Agostinho, D.ª Benilde, que trabalhou na Quinta do «Sol Posto». A propriedade deixou, há poucos anos, de pertencer à família de Valentim de Carvalho.

Memória Coletiva

Lourenço Pires de Távora

Ferrer Asturiano

Em 1550, Lourenço de Sousa e Silva ofertou aos franciscanos arrábidos umas casas e uma ermida que tinha mandado edificar na sua quinta da Conceição, perto de Murfacém, para que a Ordem aí fundasse um convento dedicado a Nossa Senhora da Conceição.

Os frades franciscanos arrábidos andavam descalços e usavam um capuz sobre as costas e, por vezes, a ocultar-lhes o rosto. Daí que o povo lhes chamasse Frades Descalços ou Frades do Capucho ou, simplesmente, Capuchos. E, assim, as casas conventuais que estes frades habitavam eram conhecidas como Convento dos Capuchos.

Mas aconteceu que, com o correr dos anos, o espaço disponível se tornou cada vez mais pequeno. Para agravar a questão, sucedia que os frades se viam obrigados a utilizar a água de um poço que era também muito utilizado pelos populares daquela zona. Ora, isto propiciava ruidosos encontros à volta do poço, perturbando o silêncio e o isolamento necessários às orações e afazeres da comunidade religiosa ali instalada.

Conhecedor destes factos, Lourenço Pires de Távora mandou construir, à sua custa e num *lugar isolado e muito sadio das suas terras, no alto da falésia e sobre a Costa de Mar*, um novo convento – este dedicado a Nossa Senhora da Piedade. A obra foi iniciada e concluída em 1558, ano em que os frades para aí se mudaram.

Mas quem foi, afinal, Lourenço Pires de Távora e porque fundou ele, aqui, este convento?



Lourenço Pires de Távora, que foi o mais notável diplomata português do século XVI, nasceu em Almada em 1510 e foi o 4.º Senhor do Solar e Morgado de Caparica.



Retrato (possível) de Lourenço Pires de Távora
In "Os Távoras de Caparica"

Em 29 de Maio de 1526, com apenas 16 anos de idade, Lourenço participou na batalha de Arzila, no norte de África, tendo sido ferido e ficado cativo, enquanto seu irmão, Álvaro Pires de Távora, perdeu a vida. Prisioneiro em Fez, foi resgatado em 1528, tendo regressado a Portugal com o relicário e a cruz de ouro que tinham sido encontrados no corpo de seu irmão.

Em 1535, por ordem de D. João III, Lourenço Pires de Távora acompanhou o infante D. Luís na conquista de Tunes, tendo encontrado pela primeira vez o imperador Carlos V de Espanha. Regressou a Portugal, ao fim de pouco tempo, e ingressou na carreira diplomática.

Em Março de 1541, Moâmede Xequ conquistou a praça portuguesa de Santa Cruz do Cabo da Gué, perto de Agadir. D. João III enviou o agora diplomata Lourenço Pires de Távora a Marrocos com a finalidade de obter uma aliança com o rei de Fez. As suas diligências revelaram-se infrutíferas, pelo que D. João III, aconselhado pelo nosso diplomata, optou por derrubar e ocupar Safim e Azamor.

Com 36 anos de idade (1546), partiu para a Índia como capitão-mor de seis naus de carga. Chegado a Cochim, soube que o seu grande amigo D. João de Castro, governador da Índia, estava a caminho de Diu, que estava cercada pelo exército turco de Rumi-Can. Imediatamente o nosso herói se meteu num batel e, acompanhado de alguns fidalgos correu a ajudar o seu amigo num combate tão desigual (as forças inimigas

eram cerca de quatro vezes superiores). Na madrugada do dia de S. Martinho de 1546, as tropas de D. João de Castro escalaram o muro que separava a fortaleza do arraial mourisco e acabaram por conseguir dominar o inimigo. No relatório que enviou ao Senado de Goa, D. João de Castro afirmava: *“Nesta batalha me ajudou muyto Lourenço Pires de Távora, capitão-mor das naos do Reyno, poendo-se diante de mi em todolos perigos, dando-me conselhos em todolas afrontas, como se esperava de tão nobre e especial fidalgo e tão experimentado em batalhas de mouros”*.

Após este feito, Távora regressou a Portugal, onde foi recebido na Corte com grande honra e solenidade e deu, pessoalmente, notícia da vitória de Diu a D. João III.

Em 1551 Lourenço Pires de Távora era embaixador em Castela. Foi encarregado por D. João III de preparar o casamento do seu filho, o príncipe D. João Manuel, com a infanta de Espanha, D. Joana de Áustria, filha de Carlos V. Aqueles que viriam a ser os pais de D. Sebastião, nascido a 28 de Janeiro de 1554. Foi durante esta missão diplomática que, um dia, Carlos V, zangado com o nosso embaixador, lhe disse: *“Sei bem quantos rios e pontes tem Portugal!”* ao que Lourenço respondeu: *“Os mesmos que tinha em 14 de Agosto de 1385!”* (referia-se à Batalha de Aljubarrota).

D. João III morreu em 11 de Julho de 1557. O seu neto, D. Sebastião, foi proclamado rei cinco dias depois, em 16 de Julho de 1557, com pouco mais de três anos. Ficou regente sua avó, D. Catarina, a Rainha-Viúva, castelhana.

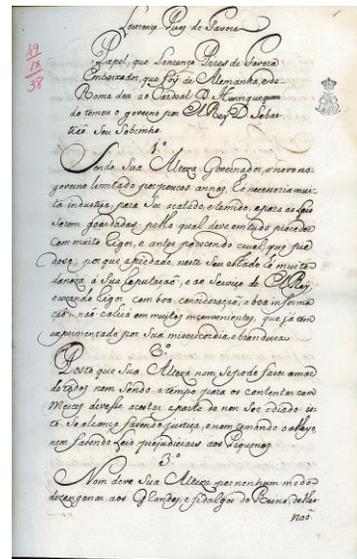
O Cardeal D. Henrique, irmão de D. João III, ambicionava ser Papa. A regente nomeou Lourenço Pires de Távora embaixador na Cúria Romana em 1559. Tendo falecido o Papa Paulo IV, o nosso embaixador conseguiu quinze votos para o Cardeal D. Henrique, no conclave que veio a eleger o Papa Pio IV.

Em 1562, o Cardeal D. Henrique tornou-se regente, muito pelos esforços nesse sentido do astuto almadense. Este escreveu e apresentou a D. Henrique a *“Memória Sobre os Interesses da Monarquia”*, que constituía um autêntico programa de governo. Isso não agradou aos jesuítas – que rodeavam D. Henrique – a quem não convinha, de forma alguma, que o cardeal ficasse nas mãos de um homem como Lourenço Pires. Assim, procuraram forma de o afastar.

A oportunidade surgiu nos primeiros dias de 1564, quando chegou à capital a notícia de que Mulei Abdalah estava a organizar um exército para sitiar e tomar Tânger.

O cardeal nomeou Lourenço capitão-mor de uma armada para acudir a Tânger. Durante dois anos travou, com os mouros, violentos combates, de que saiu sempre vencedor.

Lourenço Pires de Távora regressou à Corte em 1566, não sendo recebido com as homenagens que lhe eram devidas pela forma honrosa como desempenhara a missão. Desiludido com a indiferença e ingratidão da Corte, retirou-se. A grande peste de 1569, que em Lisboa causou cerca de 50 mil mortos, forçou-o a prolongada permanência no seu Solar da Caparica.



Manuscrito de *“Memória sobre os Interesses da Monarquia”*

A sua última nomeação foi a de conselheiro de guerra, adjunto do general da armada, D. Duarte, quando D. Sebastião preparou as naus pedidas por Pio V para combater os turcos. Os navios não chegaram a partir e o nosso homem, invocando motivos de saúde, retirou-se definitivamente, em Janeiro de 1573, para o seu Solar, onde faleceu cinco semanas depois.

Foi sepultado no convento que tinha mandado construir, em boa parte com essa intenção. O seu epitáfio diz o seguinte:

Sepultura de Lourenço Pires de Távora, do Conselho de Estado do Rei, D. Sebastião, o primeiro deste nome, Instituidor e Padroeiro desta casa. Faleceu com a idade de 63 anos, a 15 de Fevereiro no ano de 1573. Havendo cinco semanas que descansava em sua Casa de muitos serviços que fez a este Reino na Paz e na Guerra na Ásia, África e Europa.

Obras citadas:

“Os Távoras de Caparica” de Victor Aparício e Abrantes Raposo;

“Portugal Antigo e Moderno” de Pinho Leal.

CORETO

Um conto de Paulo Figueiredo
Aquarelas de Carlos Canhão

Naquele dia, o Verão fazia as suas despedidas vestido de cinzento, o vento varria a praça levando consigo os restos da estação que terminava. Indiferente à passagem do solstício e a tudo o resto, um velho permanecia sentado num banco, qual estátua de jardim, virado de frente para um coreto tão velho e imóvel quanto ele.

A tarde ainda estava no início. Cortando o silêncio e a apatia do local, uma rapariga atravessava o jardim num passo trôpego, talvez tivesse tido uma noitada, talvez tivesse acordado tarde. Por impulso, sentou-se num banco oposto ao do idoso que permanecia imóvel. A jovem deixou-se ficar algum tempo, perdida em pensamentos, até reparar no velho. Algo a fez interessar-se por aquela figura, a sua imobilidade aparente parecia esconder uma agitação interior.

Subitamente, o velho começou a mover a perna direita, marcando o ritmo de uma música que só ele ouvia, a face iluminada de felicidade, como se brotasse de uma fonte interior. A moça olhou para ele, olhou para o coreto, voltou a olhar para o homem.

- Importa-se que eu me sente? – interrogou a jovem.

O velho despertou para a realidade, vestida de verão, em corpo jovem e colorido pelo sol; ficou mudo, sem saber o que dizer.

- Peço desculpa se o estou a incomodar. – e quando se preparava para ir embora, uma voz fraca se fez ouvir:

- Não, não incomoda nada...

- Peço desculpa outra vez, mas pensei que o senhor não se estivesse a sentir bem.

- Ó menina, eu estou bem – um leve sorriso surgiu na cara enrugada.

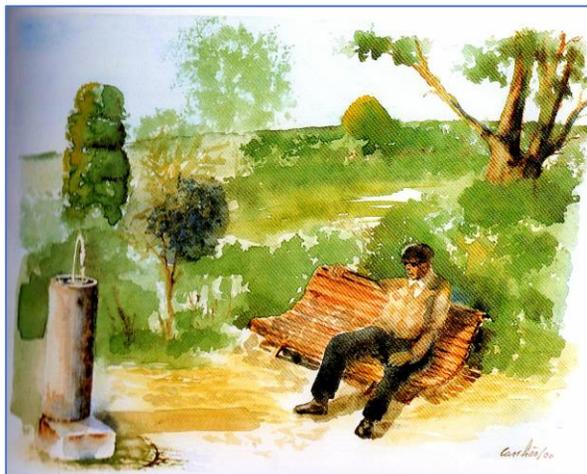
- De certeza que não precisa de nada?

- Não, não.

- Vive sozinho?

- Sim.

A moça respirou fundo.



- Eu estou a preparar a minha tese de mestrado e é sobre a solidão na terceira idade. Se o senhor consentir, gostaria de conversar consigo e terei todo o gosto em ajudá-lo se precisar de alguma coisa. Se não acreditar em mim fique aqui no jardim enquanto vou a casa buscar os papéis da minha tese, este é o meu cartão de estudante.

Algum tempo depois, o improvável par encontrava-se à mesa de uma das poucas tascas da zona que abriam ao domingo, à volta de alguns petiscos e uma garrafa de vinho.

- Não costumo fazer estas coisas, a menina está para aqui a falar com um velho, nem me perguntou se tenho dinheiro – disse o idoso, com ar contrariado, a querer disfarçar uma certa satisfação em ali estar e em companhia.

- Não se preocupe, fui eu que o convidei e já lhe expliquei porquê. O senhor chama-se...?

- Artur. E a menina?

- Sara. Tem algum medicamento para tomar às refeições?

- Só ao pequeno-almoço, para o coração. Obrigado por perguntar.

- De nada, tenho familiares da sua idade e todos acabam por tomar medicamentos para alguma coisa. Gostaria que me contasse um pouco como foi a sua vida e porque é que está sozinho. Não tem filhos?

- Tenho, estão no estrangeiro, raramente cá vêm. A minha esposa faleceu há alguns anos – e calou-se.

Sara sentia-se esbarrar num muro de desgosto e desilusão. Decidiu regressar à origem daquele encontro.

- No seu tempo havia bandas a tocar no coreto, não havia? E ainda se lembra de alguma música?

- Ah sim, menina! Ainda me lembro delas todas. Todos os domingos eu e a minha Manuela lá íamos ouvir a filarmónica cá da terra. Eram músicas bem bonitas, não como essas porcarias que tocam agora, que é só barulho.

- Ainda consegue trautear alguma?

Artur começou a trautear uma velha melodia e ao fazê-lo, assomou ao seu rosto a claridade que Sara lhe viu quando estava no jardim. O ambiente familiar da tasca, o sabor dos petiscos degustados na companhia de uma jovem atenta e paciente e, também, algum efeito do álcool, desinibiram o velho homem há muito rendido ao silêncio. Os filhos partiram para o estrangeiro “e por lá estão, tanto que gostaria de ver os netos, nem uma foto, nem um telefonema, há agora esta coisa do facebook, não percebo nada de computadores, senão ainda podia saber alguma coisa deles, a minha Manuela faleceu vai fazer cinco anos, foi num domingo à noite, tínhamos ido ver a banda nesse dia”.

O que era para ser uma conversa deu lugar a um monólogo de Artur que só acabou quando este se apercebeu que não tinha parado de falar durante muito tempo. Para Sara, através daquela história singular de vida podia imaginar outras histórias de outras vidas, todas com a solidão como capítulo final.

Durante algumas semanas após aquele encontro, Artur passou a constar da lista de idosos a quem Sara visitava regularmente, prestando auxílio conforme pudesse.

Mas a hora de apresentação da tese aproximava-se e as visitas pararam.

Com o Setembro a finar-se, Sara apresentou a sua tese de mestrado. As referências elogiosas que recebeu, lembraram-lhe que estava em dívida para com os velhos cuja vida acompanhou e assim, depois de alguns dias a saborear o fim dos estudos, retomou as visitas. E quando chegou a vez de Artur, soube pelos vizinhos que um AVC levou o pobre viúvo para junto da esposa falecida. Triste e um pouco zangada consigo mesma, Sara visitou os outros idosos, antes que fosse tarde demais.

Naquele dia, o Verão fazia a sua entrada triunfal, a praça estava repleta de gente, o outrora degradado coreto estava como novo, ocupado por uma banda de músicos fardados a preceito que aguardavam o fim do discurso do Presidente da Câmara Municipal para se fazerem ouvir.



A meio do discurso, o orador mencionou, com um ar não muito entusiasmado, a iniciativa e os esforços da Associação de Defesa e Recuperação do Património, na pessoa da sua presidente, Sara Fernandes, ali presente. Por proposta da dita associação, uma vez que o coreto não poderia ter um nome, então o jardim de que fazia parte passaria a chamar-se Jardim Artur Alves.

Enquanto a banda fazia a sua actuação, o autarca falava com Sara:

- Dra Sara, quem foi esse tal Artur Alves? Alguém importante?

- Não me trate por Dra; foi, sim. Conheci-o aqui no jardim, olhando para o coreto, revivendo o amor da sua vida, através da recordação das músicas que aqui se tocavam. Simboliza todos os velhos como ele, abandonados e sós, sem terem ninguém ou instituição a quem recorrer.

- Que interessante...

O político exibiu um sorriso amarelo e afastou-se, chamavam-no para “assuntos importantes, uma maçada”.

Sara Fernandes deixou-se ficar. Ao olhar em redor, sentiu no rosto um pouco da luz que tinha visto na cara de um velho sentado num banco do jardim, já havia alguns anos.

Caparica, 26 de Julho de 2019

FREI FORTUNATO E FREI SIMPLÍCIO



O "ARRIBA" é propriedade e edição da **Associação de Moradores dos Capuchos**.

Publicação trimestral gratuita.

Distribuição por e-mail.

Contactos: <https://sites.google.com/site/amoradorescapuchos/>

Facebook: <https://www.facebook.com/AMC-Associação-de-Moradores-dos-Capuchos-426610328116880/>

E-mail: associacaamoradorescapuchos@gmail.com